

Circe, de Madeline Miller:

os impactos de uma literatura não-canonizada no texto homérico

Gabriela Azevedo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo investiga a literatura não-canonizada (Even-Zohar, 2013, p. 7) e sua capacidade de alterar a composição de personagens consagrados no imaginário social pela literatura canonizada. Segundo Itamar Even-Zohar (2013, p.7), a literatura canonizada é considerada “legítima” pelos grupos dominantes de uma cultura, enquanto a não-canonizada não é digna de ser mantida na memória social. Todavia, esta é a mais consumida pelos leitores não-profissionais – categorizados pelo pesquisador André Lefevere como leitores que não estudam profissionalmente a literatura (Lefevere, 1992, p. 1) – por isso, merece um olhar mais atento para verificar se exerce impacto na literatura canonizada. Para isso, faremos um estudo de caso com o mito da feiticeira homérica Circe - “primeira figura da literatura ocidental (...) talentosa na manipulação dos *phármaka*” (Madureira, 2020, p. 294) – presente no romance contemporâneo homônimo, da estadunidense Madeline Miller (1978-atual), que (des)constrói a personagem e a coloca além de seu arquétipo – transformar homens em porcos a seu bel-prazer (Madureira, 2020, p. 298). Ao fazer isso, (re)apresenta-se Circe como uma mulher que encontra sua identidade por meio da magia (Miller, 2019, p. 159), sem atrelar a sua imagem à perversão. Para nossa análise, utilizamos, como fundamentação teórica, a Teoria dos Polissistemas, Even-Zohar (1939-atual), e os Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury (1942-2016) e de Lefevere (1945-1996). Em seguida, verificamos o impacto dessa literatura contemporânea e não-canonizada na concepção da personagem homérica e, conseqüentemente, de uma literatura canonizada, por meio da análise de uma resenha produzida por uma leitora não-profissional sobre o livro de Miller.

Palavras-chave: Circe, Madeline Miller, Estudos da Tradução, Literatura não-canonizada.

Circe, by Madeline Miller: impacts of non-canonized literature on the Homeric text

ABSTRACT

This article investigates non-canonized literature (Even-Zohar, 2013, p. 7) and its ability to

change the composition of characters consecrated in the social imaginary by canonized literature. According to Itamar Even-Zohar (2013, p. 7), canonized literature is considered “legitimate” by the dominant groups of a culture, while the non-canonized is not worthy to be kept in social memory. However, this is the most consumed by non-professional readers – categorized by the researcher André Lefevere, as readers who do not professionally study literature (Lefevere, 1992, p. 1) – so it should be a closer look to see if it has an impact on canonized literature. To do so, this article will do a case study about the myth of the homeric witch Circe - the first figure in Western literature talented in the manipulation of the *phármaka* (Madureira, 2020, p. 294) - in the contemporary novel of the same name, written by the north-american Madeline Miller (1978-present), which (de)constructs the character beyond her archetype - to turn men into pigs for her own pleasure (Madureira, 2020, p.298). Thus, Circe is represented as a woman who finds her identity through magic (Miller, 2019, p.159), without drawing her image to perversion. For this analysis, we use, as a theoretical basis, the Polysystem Theory, Even-Zohar (1939-present), and the Descriptive Translation Studies, of Gideon Toury (1942-2016) and Lefevere (1945-1996). Then we verify the impact of this contemporary and non-canonized literature on the image of the Homeric character and, consequently, canonized literature, through the analysis of a review produced by a non-professional reader on Miller's book.

Keywords: Circe, Madeline Miller, Translation Studies, Non-canonized literature.

The **Author**

Gabriela Azevedo é mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Graduada em Letras Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O pesquisador da área dos Estudos da Tradução, André Lefevere (1992, p.2), comenta que a força motora para a evolução da literatura é por meio de sua reescrita. Esta permite que os mais diferentes textos alcancem leitores não-profissionais¹, assim como as reescritas podem ser consideradas responsáveis pela recepção e pela sobrevivência da literatura na cultura mundial (Lefevere, 1992, p. 1). Para o autor, a reescrita é um processo que resulta na aceitação ou rejeição, na canonização ou não-canonização de um texto literário (Lefevere, 1992, p. 2), e pode estar presente em diferentes formatos, tais como: tradução, edição, antologização de textos, biografias e resenhas de livros (Lefevere, 1992, p. 4).

A partir desse pressuposto, observa-se que obras canonizadas são alvos de constantes reescritas. Para compreender essa terminologia, o estudioso da Teoria dos Polissistemas, Itamar Even-Zohar (2013, p. 7), recorre às ideias de Shklovsky para delimitar a literatura que pertence ao estrato canonizado e ao não-canonizado. No primeiro, encaixam-se obras literárias tidas como “legítimas” pelos grupos dominantes de uma cultura, portanto, são preservadas e consideradas “parte da herança histórica”. Já no segundo caso, ocorre o oposto: são obras rejeitadas por esses mesmos grupos, entendidas como “ilegítimas” para fazerem parte da comunidade e que, por conta disso, não são dignas de serem mantidas na memória social. Assim, nas culturas ocidentais, obras que remetem à Antiguidade Clássica, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, são as que mais representam esse lugar de prestígio, por conta da grande valorização desse passado que a contemporaneidade ocidental as atribui (Lourenço, 2011, p. 95). Por isso, veem-se constantes tentativas de reproduzir esses modelos clássicos, de propor modificações a partir deles (Even-Zohar, 2013, p. 9).

¹ Lefevere (1992, p.1) categoriza os leitores não-profissionais (do original *non-professional readers*) como aqueles que não estudam profissionalmente a literatura e que constituem a maior parte dos leitores na cultura global.

Além disso, é constante também a presença de textos que propõem resgatar a história homérica e os mitos narrados por ela, a fim de trazer uma nova leitura de acordo com os mais diversos contextos histórico-culturais (Vernant, 2000, p.14, 15). Esta, portanto, pode ser uma forma de reescrita, porque torna o contato com histórias provenientes do cânone mais acessível aos leitores não-profissionais. Isso reforça a ideia de Lefevere quando afirma que esses grupos não acessam obras literárias diretamente de seus autores, mas por intermédio de suas reescritas (Lefevere, 1992, p. 4)².

Nesse sentido, este artigo propõe investigar como a literatura consumida pelos leitores não-profissionais provoca alterações em aspectos que os grupos dominantes entendem como definitivos por estarem associados à literatura canonizada. Para fazermos essa análise, faremos um estudo de caso com o mito da feiticeira homérica Circe presente no romance homônimo, da autora estadunidense Madeline Miller (1978-atual). Como fundamentação teórica, utilizaremos a Teoria dos Polissistemas, do israelense Itamar Even-Zohar (1939-atual), e os Estudos Descritivos da Tradução, por meio das ideias do também israelense Gideon Toury (1942-2016) e do belga André Lefevere (1945-1996). Por fim, verificar-se-á essa ideia com a análise de uma resenha produzida por uma leitora não-profissional sobre o livro de Miller.

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA COMO PONTE DE RESGATE DA ANTIGUIDADE

Muitos leitores não-profissionais não têm acesso aos “originais” das obras homéricas e muito menos possuem uma garantia de que esses textos são da autoria de Homero. Esses apontamentos se referem a um tópico muito debatido nos Estudos Clássicos, denominado “Questão Homérica” (Knox, 2011, p. 13). É importante ressaltar que não é o foco deste artigo abordar todos os pormenores desse debate, pelo fato de ser um conteúdo complexo que dificilmente os próprios estudiosos da área

² “The non-professional reader increasingly does not read literature as written by its writers, but as rewritten by its rewriters”. (Lefevere, 1992, p.4).

chegam a um consenso. O que vale enfatizar sobre o assunto é que existem poucos registros sobre a origem de Homero e que, tais pesquisas, de acordo com o estudioso Bernard Knox (2011, p. 34), giram em torno de “pura especulação . . . assim como todas as outras tentativas de explicar a origem do texto que chegou até nós”.

Nesse sentido, torna-se significativo apenas compreendermos a forma como os textos homéricos ficaram conhecidos na sociedade atual e nela permaneceram. Essas obras chegaram até nós por meio de inúmeras traduções, adaptações e edições, feitas constantemente desde a Antiguidade até a contemporaneidade (Knox, 2011, p. 8-9). Mesmo assim, hoje ainda é muito difícil que leitores não-profissionais tenham o interesse ou sintam facilidade em entrar em contato com os épicos homéricos e isso os distancia desse grande marco da literatura. Para diminuir esse vão, existem narrativas contemporâneas que propõem estabelecer uma releitura desses mesmos mitos, a fim de aproximar as histórias homéricas com as da realidade na qual se encontram os seus respectivos autores. Assim, obras como as da escritora estadunidense Madeline Miller (1978- atual) representam uma espécie de ponte para interligar várias dicotomias, como: narrativas canonizadas e não-canonizadas; literatura clássica e literatura contemporânea.

LITERATURA NÃO-CANONIZADA E A DINAMICIDADE DO POLISSISTEMA LITERÁRIO

Nos seus estudos acerca da Teoria dos Polissistemas, Even-Zohar (2013, p. 7) afirma que não há juízo de valor quanto ao conceito de canonicidade. Entretanto, quando se propõe uma reflexão na academia sobre as constantes contribuições da literatura não-canonizada na canonizada, observa-se, aparentemente, um ato contraditório entre os leitores profissionais, que, em sua maioria, não levam isso em consideração, mas priorizam o movimento oposto.

Nessa perspectiva, quando um leitor não-profissional afirma conhecer a feiticeira homérica Circe, ele conhece a imagem arquetípica que foi construída sobre

a personagem: a de uma deusa que transforma homens em porcos a seu bel-prazer. Isso acontece porque, quando há uma reescrita, essa é feita a partir de critérios ideológicos (Lefevere, 1992, p. 5) e, no caso da figura de Circe, desde seu primeiro registro na *Odisseia*, de Homero, já havia essa vinculação pejorativa da personagem. A pesquisadora Stéphanie Madureira (Madureira, 2020, p.282, 294, 297) afirma que houve uma tentativa de vilanizar tal personagem com o objetivo de torná-la um exemplo a não ser seguido pelas mulheres da sociedade, visto que a personagem, por ser uma deusa que mora sozinha em sua ilha, poderia inspirar mulheres a viverem sem a presença masculina. Portanto, a imagem de Circe que ficou estabelecida no imaginário social foi a proveniente das inúmeras reescritas às quais foi submetida.

Em contrapartida, a autora Madeline Miller teve como objetivo, em seu livro, estabelecer um movimento oposto e pouco valorizado entre os leitores profissionais: propor uma reescrita do mito de Circe sob a ideologia feminista, para que, dessa forma, a personagem finalmente pudesse ganhar um protagonismo e uma identidade desatrelada da perversão; em *Circe*, portanto, não temos mais um homem-herói, mas uma mulher-heroína de sua própria história³. Esse ato reforça a presença de narrativas contemporâneas que buscam questionar o *status* daquilo que se encontra canonizado e propõem uma nova visão que modifica as histórias e as subvertem para se adequarem às atuais demandas sociais de grupos minoritários e resistentes ao controle patriarcal, como defende a professora de estudos helênicos Helen Morales (2021, p. 16). Por esse motivo, é primordial normalizar a existência de tensões entre a cultura e, mais especificamente a literatura, canonizada e a não-canonizada, pois é essa característica que garante que o sistema⁴ literário seja dinâmico, tal qual a sociedade (Even-Zohar, 2013, p. 8).

³Tradução livre do inglês: "'Circe,' a bold and subversive retelling of the goddess's story that manages to be both epic and intimate in its scope, recasting the most infamous female figure from the *Odyssey* as a hero in her own right". (Miller, 2018).

⁴Even-Zohar entende como "sistema" um "conjunto de relações fechado, no qual os membros recebem seu valor de suas respectivas oposições, como a ideia de uma estrutura aberta que consiste em várias redes de relações desse tipo que concorrem." (Even-Zohar, 2013, p.4).

Essa dinamicidade do sistema permite que haja sua manutenção e, conseqüentemente, sua evolução (Even-Zohar, 2013, p. 8). Dessa forma, as literaturas de diferentes categorias estão em constante oposição para evitar que o estrato canonizado ocupe este espaço por muito tempo. Para Even-Zohar (2012, p. 6), as “dinâmicas dentro do polissistema criam pontos de virada, ou seja, momentos históricos onde os modelos estabelecidos já não são mais viáveis para uma geração mais jovem”. Neste caso, a maneira como se concebe a Circe nas narrativas clássicas não é mais aceitável para grupos contemporâneos que reivindicam uma revisão das narrativas que possuem grande influência sobre a sociedade ocidental. Assim, como se observa que as histórias homéricas encontram-se sempre no imaginário social (Lourenço, 2011, p. 5), busca-se renovar a forma como as enxerga, atualizando, portanto, o que é canonizado; sem esse movimento de atualização, o cânone perde o sentido dentro da sociedade, pois não corresponde mais a ela (Even-Zohar, 2013, p. 9).

Quando se leva em conta a posição que a obra *Circe*, de Madeline Miller, ocupa no polissistema, mesmo que seja caracterizada como uma literatura não-canonizada, devem-se levar em conta alguns fatores importantes. Esse romance apresenta um novo modelo de épico ao propor uma narradora feminina para o gênero (Miller, 2018)⁵, desatrela a figura de Circe da perversidade, portanto, não faz parte do estrato canonizado. Todavia, é necessário enfatizar que essa história teve uma maior visibilidade entre os leitores não-profissionais por ser proveniente dos EUA.

As literaturas de língua inglesa, principalmente as narrativas contemporâneas estadunidenses, apresentam maior grau de hierarquia dentro do polissistema (Even-Zohar, 2012, p. 5), o que garante maior aceitabilidade e acesso de suas obras entre o público não-profissional. Pode-se considerar, dessa forma, a obra de Miller como detentora de um certo privilégio por sua posição mais elevada dentro do

⁵ “Epic has been so traditionally male,’ she said. ‘All these stories are composed by men, largely starring men, and I really wanted a female perspective.’ (Miller, 2018).

polissistema. Como resultado, maior é a quantidade de leitores não-profissionais que desconstroem a imagem pejorativa da personagem Circe, ao mesmo tempo em que também é maior a adesão de um público interessado em entrar em contato com obras clássicas, como *Odisseia*. Por isso, pode-se entender o livro de Madeline Miller como “supostamente inovador” (Even-Zohar, 2012, p. 4), pois inclui “novos modelos de realidade para substituir uma realidade anterior e estabelecida que já não é efetiva” (Even-Zohar, 2012, p. 4).

CIRCE E SEUS IMPACTOS NA CULTURA DE CHEGADA

Como mencionado, a cultura de chegada na qual o mito de Circe se encontra é a estadunidense, que apresenta uma grande influência com a cultura ocidental contemporânea. Ela expressa um modo de pensar que dialoga com as demandas feministas atuais, transferindo o foco cultural que, na Antiguidade, foi grego, para o modo de pensar estadunidense e, especificamente feminista.

Os textos da Grécia Antiga foram constantemente traduzidos, revisitados e utilizados como base para constituir inúmeras culturas ocidentais contemporâneas, produzindo diversas releituras e outras formas de pensar os mais diversos mitos que compunham essa sociedade (Tourey, 2012, p. 21). Com isso, Miller realiza esse transporte do mito de Circe para o mundo contemporâneo atual, ao mesmo tempo em que a posição privilegiada da autora no polissistema (Even-Zohar, 2012, p. 5) faz com que sua obra seja constantemente reproduzida em outros lugares. Este é o ciclo que mantém funcionando a dinamicidade do sistema literário (Even-Zohar, 2013, p. 8).

Na contemporaneidade, há uma carência de exemplos mitológicos que possam remeter à cultura clássica e que configurem um protagonismo feminino, sem que esteja atrelado à figura masculina. Tomemos como exemplo a esposa de Odisseu, Penélope, que configura o arquétipo da esposa fiel (Madureira, 2020, p. 298). Nesse sentido, via-se uma tendência a exaltar essas mulheres mitológicas que agem de

maneira benfazeja com os homens e a rejeitar aquelas que agiam por benefício próprio, como Circe (Madureira, 2020, p. 298).

Para suprir essa ausência ou o que o pesquisador Gideon Toury (2012, p. 22) denomina *something missing*, autoras contemporâneas como Madeline Miller se direcionam à cultura tida como prestigiosa, a Antiguidade Clássica, e se apropriam dessas personagens malvistas com o intuito de adequá-las e apresentá-las de maneira inédita na cultura de chegada (Toury, 2012, p.22): a cultura ocidental contemporânea. Dessa forma, independente do quão conhecida é a personagem Circe e de quantas vezes o texto homérico foi traduzido e reproduzido, a obra de Miller os (re)constrói e os transforma em inéditos e inovadores, como apontam, respectivamente Toury (2012, p. 22) e Even-Zohar (2012, p. 4).

ANÁLISE DE RESENHA COMO VERIFICAÇÃO DOS IMPACTOS DE CIRCE NA LITERATURA CANONIZADA

A partir dessas ponderações acerca do papel de narrativas contemporâneas como as de Madeline Miller, faz-se necessário verificar se esses impactos sobre a literatura canonizada realmente aconteceram entre os leitores não-profissionais. Para isso, este trabalho selecionou uma resenha feita por uma leitora não-profissional em um *blog* literário, já que tal gênero textual é considerado, por André Lefevere (1992, p. 4), uma forma de reescrita da literatura. O portal escolhido foi: Nostalgia Cinza, de Laura Brand.

Logo no início da resenha, a autora afirma que a obra de Madeline Miller “abre portas para um universo novo e rico” (Brand, 2019). Essa sentença nos confere o papel de literaturas contemporâneas como ponte de resgate de literaturas clássicas, consumidas por uma pequena quantidade de leitores. Além disso, a leitora não-profissional declara que possui pouco conhecimento acerca do mito da feiticeira Circe, o que reafirma a imagem da personagem atrelada a seu arquétipo. No

entanto, Brand alega que esse é um aspecto positivo para a sua imersão na história e para a sua conexão com a protagonista.

Nessa perspectiva, a resenha do *blog* também confirma o posicionamento de autoras contemporâneas na tentativa de recuperar personagens mitológicas femininas e (re)construí-las à luz do contexto atual, permeado por reivindicações de grupos sociais minoritários. Tal ideia encontra-se presente quando Laura Brand afirma que *Circe* é uma

narrativa extremamente impactante do ponto de vista da força feminina e sobre o que é ser mulher nesse contexto. (...) podemos perceber algumas características de forma bem marcante, tanto na busca por sua independência e autonomia, quanto descoberta de quem é e do papel que quer desempenhar no mundo. (Brand, 2019).

Junto a isso, a autora também comenta sobre o estereótipo da bruxa e sobre o quanto é importante que *Circe*, um grande símbolo da feitiçaria, seja retratada de maneira adequada, pensando no contexto que busca ressignificar essas figuras e representá-las sem o filtro da perversidade. Para ela,

Classificar mulheres como bruxas sempre foi uma forma de tentar diminuí-las e de colocar um aspecto negativo e maléfico sobre tudo o que foge do que se espera de uma mulher. Há alguns séculos, a caça às bruxas representou exatamente a perseguição a toda e qualquer mulher que desviasse dos padrões e normas de conduta, e de tudo aquilo que os homens não conseguissem entender ou explicar. *Circe*, por exemplo, sempre se mostrou curiosa, benevolente, sábia e astuta, mesmo em meio a um ambiente tóxico aos pés de outros deuses e titãs. (Brand, 2019).

Por esse motivo, Laura Brand entende como interessante o fato de Madeline Miller ter selecionado uma feiticeira da Antiguidade para “representar o desenvolvimento e

descoberta do poder de uma mulher. É como um romance de formação que traz a mitologia para o século XXI". Assim, encaminha o seu texto para a conclusão com a seguinte recomendação para outros leitores: "É uma história perfeita para os fãs de mitologias e serve como referência de releitura, que repagina uma história já muito conhecida de forma inédita.". Tal postulado vai ao encontro do que foi discutido acerca da dinamicidade do polissistema literário e da maneira como este opera, principalmente, quando aquilo que se encontra no estrato canonizado já não contempla as demandas do próprio sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar, portanto, que as releituras contemporâneas, especialmente as de autoria feminina e de outros grupos minoritários, se utilizam de narrativas tidas como canonizadas, a fim de alterá-las e (re)escrevê-las de acordo com suas respectivas demandas sociais. Isso reforça as tensões que acontecem dentro do polissistema literário e, conseqüentemente, a sua dinamicidade.

Ao fazer parte de uma literatura que, embora, naquele momento, ocupe o *status* de literatura não-canonizada, apresenta um certo grau de hierarquia dentro do polissistema literário (Even-Zohar, 2012, p. 5), a obra de Madeline Miller tem alcançado um maior público de leitores ainda não familiarizados com as narrativas homéricas e, por conseguinte, com as canonizadas. Por isso, confere-se um certo grau de influência dessas histórias em não só aproximar a contemporaneidade da Antiguidade como também de ressignificá-la.

Cabe ressaltar que se entende a insuficiência da abordagem deste artigo ao escolher analisar apenas uma resenha da obra. Compreende-se a dificuldade em afirmar, com propriedade, que a literatura não-canonizada de Madeline Miller, de fato, conseguiu alterar a representação da personagem Circe não só no texto de Homero, mas também em outras literaturas canonizadas. Por isso, destaca-se que este

artigo, por conta de sua curta dimensão, deu preferência na verificação desse pressuposto para refleti-lo de maneira mais concreta por meio da leitura de um texto produzido por uma leitora não-profissional.

Nessa perspectiva, comprova-se que leitores não-profissionais conseguem detectar as mudanças nos paradigmas canonizados mesmo que não estudem a teoria por trás disso. Tal visibilidade só é possível graças aos trabalhos de autores que levam suas demandas para além de seus círculos e as tornam acessíveis. Com isso, suas discussões e questionamentos acerca da sociedade e das histórias que são perpetuadas por ela são amplamente divulgadas entre os leitores fora da academia. Assim, tal movimento permite que a própria literatura canonizada, geralmente tratada com a lente da contemplação absoluta, tenha esse lugar no pedestal, enfim, contestado e modificado.

Os clássicos da Antiguidade e seus mitos são uma ótima ferramenta para serem lidos e também para serem contemplados por todas as camadas da sociedade e, por isso, não podem ficar restritos somente a um grupo (Morales, 2021, p. 18). Afinal, esses compõem os pilares da cultura ocidental e pertencem a todos.

REFERÊNCIAS

- Brand, L. (2019). Nostalgia Cinza [Resenha de Circe].
<https://www.nostalgia cinza.com.br/2019/07/resenha-circe.html?m=0#:~:text=Deslocada%20entre%20deuses%20e%20seus.de%20aterrorizar%20os%20pr%C3%B3pri os%20deuses>
- Even-Zohar, I. (2013). Teoria dos polissistemas. *Revista Translatio*, 4, 2-21. Tradutores: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna Karlla Cunha.
<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>
- Even-Zohar, I. (2012). A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. *Revista Translatio*, 3-10. Tradutores: Leandro de Ávila Braga.
<https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/34674/22321>
- Lefevere, A. (1992). Prewrite. In Lefevere, A. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London: Routledge, pp.1-10.
- Homero. (2011). *Odisseia*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia.
- Knox, B. (2011). Introdução. In Homero. *Odisseia*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia.
- Lourenço, F. (2011). Prefácio. In Homero. *Odisseia*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia.
- Madureira, S. (2020). Relacionando magia e gênero na Grécia Antiga: Circe e Medeia como representações sociais de feiticeiras na Atenas Clássica (século V a.C). *Hélade*, 5(2), 281-300.
- Miller, M. (2019). *Circe*. Tradução: Isadora Prospero. São Paulo: Planeta.
- Alter, A. (2018). Circe, a vilified witch from classical mythology, gets her own epic. *The New York Times*: Nova York, April 6 2018.
<https://www.nytimes.com/2018/04/06/books/madeline-miller-circe-novel.html?smid=url-share>.
- Morales, H. (2021). *Presença de Antígona: O poder subversivo dos mitos antigos*. Tradução: Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco.
- Toury, G. (2012). "Descriptive translations studies and beyond". In Toury, G. *Translations as facts of a 'target' culture: An assumption and its methodological implications*. 2 ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2012. pp.17-34.
https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/1154569/mod_resource/content/1/Toury%20C%20revised.pdf
- Vernant, J-P. (2000). *O universo, os deuses, os homens*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras.